

O Uso de Glóbulos de Sacarose como Veículo para Homeopatia, Fitoterapia e Essências Florais

Amarilys de Toledo Cesar*

RESUMO

O conhecimento dos veículos usados no preparo dos medicamentos pode facilitar a aceitação das prescrições pelos pacientes e levar a melhores resultados clínicos. Neste texto, alguns conceitos farmacotécnicos são revistos, como excipientes e veículos, especialmente os glóbulos. Glóbulos são grãos esféricos, constituídos por sacarose, usados para impregnação de soluções e são veículos tradicionais para o preparo de medicamentos homeopáticos em farmácias. Seu uso foi ampliado para a dispensação de fitoterapia e essências florais. Para a fitoterapia, apresenta como consequência doses menores do que as necessárias. Quando impregnados com florais, podem ser confundidos com medicamentos. Cada terapêutica deve ser reconhecida e tratada de acordo com seus fundamentos, suas regras e suas necessidades.

PALAVRAS CHAVES

Farmacotécnica homeopática; Glóbulos; Fitoterapia; Essências florais

The Use of Saccharose Globules as Vehicle in Homeopathy, Phytotherapy and Flower Essences

ABSTRACT

Knowledge of the vehicles used in the preparation of medicines may lead to more suitable prescriptions and better clinical results. In this paper, some pharmacotechnical concepts are revised, like excipients and vehicles, especially globules. Globules are spherical grains made of saccharose used for impregnation of solutions and are the traditional vehicles in the preparation of homeopathic medicines in pharmacies. Their use was extended to the dispensation of phytotherapies and flower essences. For phytotherapy, the result is lower doses than the required ones; for flower essences, the use of globules brings confusion among medicines. Each therapeutic approach must be recognized and treated according to its fundamentals, rules and requirements.

KEY WORDS

Homeopathic pharmacotechnics; Globules; Phytotherapy; Flower essences

Introdução

Uma das funções da farmacotécnica é fazer com que medicamentos tenham boa aceitação pelos pacientes aos quais se destinam, sem rejeição, por exemplo devido ao seu sabor. Também devem possibilitar que a dose correta seja dispensada ao usuário, sempre que for o caso.

Na farmácia, há alguns anos, somos solicitados a preparar medicamentos homeopáticos diversos impregnados em glóbulos, o que suscita dúvidas sobre a validade ou não destas preparações. Pela facilidade de administração aos pacientes, alguns homeopatas começaram a prescrever tinturas fitoterápicas em glóbulos e este uso estendeu-se também para essências florais, sem uma reflexão que associasse as características da farmacotécnica às necessidades clínicas.

* Farmacêutica homeopata, doutora em Saúde Pública (USP); Diretora de HN Cristiano, farmácias e laboratório homeopático; Secretária de Farmácia da Liga Medicorum Homeopathica Internationalis.
✉ amarilys.cesar@amarilys.com.br

Para que possamos abordar o uso de glóbulos como veículo para outras preparações que não as homeopáticas, é necessário rever alguns conceitos farmacotécnicos. Este texto propõe divulgar aos prescritores aspectos farmacotécnicos do preparo de medicamentos veiculados em glóbulos, alertando sobre as possíveis conseqüências clínicas.

Um pouco de farmacotécnica

São chamados excipientes os agentes não medicinais que participam de uma formulação farmacêutica, com funções variadas e específicas. Veículos são os excipientes usados para auxiliar na administração de substâncias que devem ser introduzidas no organismo dos pacientes, vale dizer, são os agentes carreadores de uma substância farmacêutica [1].

Quanto ao seu uso, os veículos podem ser classificados em externos (como é o caso de cremes, pomadas, loções, etc.) ou internos (medicamentos de uso oral). Veículos para uso interno podem ser líquidos (soluções, suspensões), semi-sólidos ou pastosos (como pastas ou geléias), ou sólidos (comprimidos, cápsulas, drágeas, pós e glóbulos). Os glóbulos são usados principalmente na farmacotécnica homeopática, ainda que tenham também algum uso como veículo para liberação prolongada dos medicamentos.

Glóbulos são esferas feitas de sacarose, o açúcar comum, a partir de drageamento. São grãos esféricos, homogêneos e regulares, brancos, praticamente inodoros e de sabor adocicado, facilmente solúveis em água, praticamente insolúveis em álcool. As farmácias adquirem glóbulos inertes e preparam medicamentos homeopáticos através de sua impregnação com soluções dinamizadas [2,3].

Dependendo da quantidade de glóbulos prescrita, pode haver restrições para seu uso para pacientes em regimes de dieta hipocalórica, diabéticos e ainda por atacar o esmalte dentário

Glóbulos em preparações homeopáticas

Os glóbulos identificam-se com os medicamentos homeopáticos desde o tempo de Hahnemann, que relata que um confeitiro os preparava para ele. Não foram encontradas citações sobre o uso de glóbulos como veículo farmacêutico antes de Hahnemann. Kayne relata o uso de pequenos glóbulos (em inglês, são chamados de “*globules*” ou “*granules*”) nas confeitarias, onde recebiam o nome de “*non-pareils*” (sem igual, ou melhor, desiguais) ou “*hundreds and thousands*” (centenas e milhares). Define-os como pequenas bolinhas de açúcar, brancas ou coloridas, de origem incerta e usadas como decoração na confeitaria, em bolos, biscoitos ou discos de chocolate [4,5].

O sabor dos glóbulos agrada à maioria dos pacientes. Por outro lado, ao veicular a homeopatia, associa seus medicamentos a “bolinhas de açúcar”, tornando-os para os pacientes mais parecidos com balas, do que com medicamentos.

Os preparados homeopáticos são realizados a partir de diluições seriadas seguidas de agitações cujos pontos de partida são, principalmente, tinturas-mãe ou outras substâncias, geralmente insolúveis, que são antes trituradas com lactose durante 3 horas, diluídas até a concentração de 10^{-6} (ou seja, 1 para 1 milhão), posteriormente diluídas em soluções hidroalcoólicas e em seguida diluídas e agitadas (isto é, dinamizadas) em álcool a 70%. Para serem administradas aos pacientes, podem ser tanto veiculadas em água ou soluções de álcool (mais frequentemente a 30%). Ou então, são veiculadas em glóbulos, comprimidos ou pós, por impregnação.

Os glóbulos servem como veículo para carrear soluções extremamente diluídas, que não contêm mais moléculas da substância inicial, porém trazem consigo algum tipo de informação proveniente dela. Um aspecto a salientar é a quantidade de solução que os glóbulos podem carregar consigo e que será, então, administrada ao paciente. Esse fato parece importar somente a uma parte dos clínicos, pois outros consideram que o que conta é apenas o estímulo gerado por determinada substância, diluída e agitada “um certo número de vezes”, segundo um determinado método. Os primeiros seguem o que afirma Hahnemann no parágrafo 129^o da 6^a

edição de seu *Organon da Arte de Curar*: “Se os efeitos resultantes de tal dose forem apenas fracos, devem se tomar mais uns glóbulos todos os dias, até que as alterações de saúde se tornem mais visíveis”; já outros concordam com Eizayaga que afirma que “em homeopatia com potências medicamentosas, não se deve falar de dose no sentido de massa, mas de potências e de repetição de doses”. [4,6]

Podemos supor que se a quantidade da preparação (volume ou massa de solução agitada) fosse indiscutivelmente importante, essa dúvida não existiria. Na terapêutica homeopática a dose – como quantidade da preparação – deve importar em circunstâncias relativas, e não como na farmacologia clássica, onde o dobro de determinada dose terapêutica pode ser tóxica ou até mesmo letal. Como exemplifica Kayne: “Não há dúvidas de que 2 mg de diazepam é diferente de 5 mg de diazepam, que é diferente de 10 mg de diazepam [...]” [5].

Quando se coloca uma solução alcoólica sobre os glóbulos de sacarose, estes ficam visualmente úmidos. Após a secagem, consegue-se embebê-los com uma nova quantidade da mesma solução, e assim, aparentemente, pode-se seguir fazendo. As farmácias avaliam cada novo lote adquirido de glóbulos desta maneira, isto é, através de testes de impregnação dos glóbulos com soluções alcoólicas coloridas: o álcool evapora, deixando uma pequena quantidade de corante sobre os glóbulos. Diluindo os glóbulos em água, pode-se medir a quantidade de corante que ficou depositada sobre eles. Já quando se usa uma solução alcoólica agitada (isto é, para simular a impregnação de medicamento homeopático sobre eles), a mesma não contém - ou contém pouquíssima matéria. Portanto, quando essa solução for colocada sobre glóbulos, após sua evaporação, pouquíssimo ou nada resta a ser visto ou mensurado sobre os glóbulos [2].

As farmacopeias e os compêndios homeopáticos indicam as quantidades de solução agitada que devem ser colocadas sobre os glóbulos para sua impregnação: esta quantidade varia entre 1% a 10% do peso do glóbulo. Assim, para impregnar 10 g de glóbulos inertes, usa-se entre 0,1 g a 1 g de solução alcoólica agitada. Quanto maior o teor alcoólico da solução, mais fácil é a impregnação. Para impregnar com 10% do peso do glóbulo, deve-se usar solução com no mínimo 90% de álcool, e proceder a diversas impregnações, intercaladas por secagem dos glóbulos. É comum encontrar variação na capacidade de impregnação de diferentes lotes de glóbulos, sendo alguns mais duros, outros mais frágeis e porosos. Há trabalhos sobre os métodos que levam a uma impregnação final mais homogênea dos glóbulos, assim como há também autores que não se importam com o fato de que cada glóbulo não esteja recoberto exatamente com a mesma quantidade de solução dinamizada [5,7,11].

O peso médio dos glóbulos usados no Brasil é de 30 mg (glóbulos tamanho 3), 50 mg (tamanho 5) e 70 mg (tamanho 7). No momento, apenas os de tamanho 5 estão sendo produzidos pelo fabricante tradicional, que está há mais de 10 anos no mercado. Seu preparo industrial é feito a partir de núcleos de grãos de açúcar, que são borrifados com solução de sacarose, ou uma mistura de sacarose e lactose, enquanto rodam no interior de máquinas drageadoras. Depois da aspersão dos grãos com solução açucarada, estes são secados através de sopro de ar; todo o processo é realizado com umidade e temperatura controlados. Esse é um trabalho que envolve não só técnica, mas também arte. É realizado por fabricantes de confeitos, assim como por uns poucos produtores deste insumo farmacêutico para uso em medicamentos homeopáticos. Mesmo sendo a forma farmacêutica sólida mais dispensada em muitas farmácias homeopáticas, o mercado consumidor total é relativamente pequeno, e nos últimos anos houve apenas um fabricante para todo o país. Da mesma maneira que os comprimidos homeopáticos, os glóbulos devem ser dissolvidos lentamente na boca, levando a uma rápida absorção.

A escolha do tamanho dos glóbulos na dispensação das receitas é opcional para cada farmácia. Depende das influências recebidas pelos farmacêuticos durante seu aprendizado de farmacotécnica homeopática. Farmácias que dispensavam medicamentos com glóbulos número 3 ou 7 passaram a usar os de número 5, pois atualmente só este tamanho tem sido fornecido. Se, por exemplo, dispensavam frascos com 12 gramas de glóbulos de número 3 (cerca de 400), impregnados com 1,2 g (ou seja, 10%) de preparação homeopática, podemos dizer que cada glóbulo recebia cerca de 1,2 g/400, igual a 0,003 g da preparação. Quando passaram a usar o glóbulo número 5, as 12 gramas passaram a ser cerca de 240 glóbulos. Ou seja, cada glóbulo passou a receber 1,2 g/180, igual a 0,005 g, quase que o dobro da quantidade que recebia anteriormente, quando era usado o glóbulo 3. Como as prescrições são feitas por número de

glóbulos, com a diminuição de seu tamanho, os pacientes passaram a receber quase que o dobro da quantidade de preparação homeopática. Como já considerado anteriormente, esse fato não parece ter sido sentido pelos pacientes, nem levado em conta pelos prescritores.

Também observamos ser comum que pacientes peçam na farmácia a troca da forma farmacêutica prescrita. Por exemplo, quando a prescrição foi realizada em gotas, solicitam que a dispensação seja feita em glóbulos. Quando consultados, alguns prescritores não concordam ou alteram a quantidade de glóbulos que o paciente deve ingerir, mas a maioria deles não se importa com a troca e mantém a equivalência entre número de glóbulos e gotas.

Pela Farmacopéia Homeopática Brasileira, entende-se que medicamentos líquidos devem ser dispensados a 100%, isto é, a própria dinamização é dispensada. Considerando o peso de uma gota (1 gota de água = 0,05 g) semelhante ao de um glóbulo (se número 5 = 0,05 g), mesmo que o glóbulo tenha retido 10% da solução homeopática através da impregnação, a troca de gotas por glóbulos significa a diminuição da quantidade administrada para 10% da inicialmente prescrita [7].

Com esses dados podemos concluir que o glóbulo veicula quantidades pequenas e nem sempre constantes de solução alcoólica, dependendo de cada lote de produção e do tamanho dos glóbulos utilizados. Mesmo assim, os medicamentos homeopáticos são continuamente veiculados através de glóbulos, indicando que a quantidade de preparação homeopática não é considerada importante para a ação clínica. Vale lembrar que a quase totalidade das soluções homeopáticas ultrapassam o número de Avogadro.

Glóbulos em preparações fitoterápicas

Grande parte dos homeopatas também prescreve, eventualmente, tinturas, com critério fitoterápico e não homeopático. Tinturas são extrações alcoólicas de vegetais e animais, feitas com no máximo 10% da droga vegetal ou 5% da de origem animal. O sabor, a cor e o odor das drogas usadas são transferidos para a tintura, que pode então ser amarga, por exemplo. Devido à boa aceitação dos glóbulos e à corriqueira substituição de gotas por glóbulos, o uso de glóbulos também começou a acontecer nas prescrições fitoterápicas.

Desta maneira, a prescrição de 10 gotas de tintura de própolis passou para 10 glóbulos de tintura de própolis. Como os glóbulos podem absorver no máximo cerca de 10% da solução, os 10 glóbulos contêm entre 0,1 gota da tintura, e, no máximo, 1 gota da tintura. Uma vez que a fitoterapia, geralmente, obedece à farmacologia clássica, segundo a lei da dose-resposta, pode-se concluir que a ação terapêutica não vai ocorrer, ou pelo menos que será menor.

Os glóbulos só seriam veículos adequados para fitoterápicos se sua dose terapêutica fosse muito pequena (ou seja, o fitoterápico teria que ter forte atividade farmacológica). Nesse caso, variáveis tais como o tamanho dos glóbulos, o lote de produção e as técnicas de impregnação teriam que ser cuidadosamente controladas, pois poderiam ser prejudiciais na administração de fármaco muito ativo.

Glóbulos em preparações florais

Essências florais são preparações feitas, em sua maior parte, a partir de flores e água mineral. Para a conservação dessas soluções, é adicionada uma solução que contém álcool, sendo tradicionalmente brandy ou conhaque. As essências florais, quando comparadas com as tinturas fitoterápicas, são soluções diluídas, porém não tanto quanto as soluções homeopáticas. Nas soluções florais encontram-se diluições de cerca de 1 para 400 (nas chamadas essências-estoque); nas tinturas-mãe as diluições são de 1 para 10; nas tinturas fitoterápicas são de 1 para 20. Nas dinamizações homeopáticas é comum encontrar soluções com concentração nominal de 10^{-12} , 10^{-60} e outras diluições muito maiores.

As essências florais podem ser ministradas em sua forma estoque, sem nenhuma toxicidade. Para administração seguida durante vários dias, requerem conservação. Para isto, colocam-se as essências em um veículo que contenha álcool, normalmente conhaque. Para pacientes sensíveis

ao álcool, os florais são veiculados apenas em água, em solução aquosa de glicerina ou vinagre. Na administração externa, Bach usou essências em soluções aquosas ou em cremes, conhecidas como Creme de Bach. Com o tempo, surgiram outros produtos de uso externo adicionados de essências florais, e ainda tinturas vegetais e óleos essenciais. Frascos com válvula aspersora facilitam o uso de soluções com essências florais no ambiente ou em locais específicos do corpo. Mais recentemente, o mesmo tipo de frasco tem sido usado para também para a administração oral de florais.

Nos anos 80, alguns homeopatas propuseram usar florais dinamizados. Vijnovsky foi um homeopata argentino que inseriu as essências de Bach em sua *Matéria Médica Homeopática*. É importante lembrar que a importação, em geral, tanto para o Brasil quanto para a Argentina, era difícil e economicamente custosa. Mesmo sendo ainda eventualmente utilizado, esse tipo de prescrição não segue os critérios nem da terapia floral, nem da homeopatia. Configura-se, antes, um novo produto, cujo uso como homeopatia só se legitimaria após sua experimentação controlada em indivíduos saudáveis, segundo os critérios homeopáticos vigentes [12].

A mesma idéia de substituição de gotas por glóbulos foi usada na administração das essências florais, para evitar o uso de soluções alcoólicas. As essências estoque são feitas em brandy puro, cujo teor alcoólico é baixo, cerca de 40%, o que causa a dissolução da lactose que compõe o glóbulo. É possível aumentar esse teor, adicionando à essência algumas gotas de álcool absoluto. Considerando o preparo da solução de uso em um frasco com 30 ml de hidro-conhaque, para manter a proporção quantitativa, são adicionadas 2 gotas de uma essência, com outras gotas de álcool 96°g/l, aumentando assim o teor alcoólico da solução. Assim, a solução com as 2 gotas de essência floral será usada, para impregnar as mesmas 12 g de glóbulos. Podemos fazer isso apenas para fórmulas florais de poucos componentes, pois para uma fórmula com 10 essências, por exemplo, vamos usar 20 gotas com teor alcoólico de cerca de 40%. Desta maneira, não há como adicionar outras gotas de álcool 96°g/l para aumentar a alcoolatura e possibilitar a impregnação dos glóbulos.

Outro ponto a se considerar é, novamente, a questão da dose. Se um paciente for aconselhado a ingerir 4 gotas da solução, 4 vezes ao dia, ele ingerirá 16 gotas ao dia de uma solução preparada com 2 gotas da essência na solução estoque/30 ml. Considerando que cada ml tem cerca de 20 gotas, no frasco com 30 ml haverá cerca de 600 gotas. Poderíamos dizer que cada gota contém cerca de 1/300 da gota da essência. Ao impregnar glóbulos (com uma solução preparada com 2 gotas de essência e outras gotas de álcool 96°g/l), a quantidade que cada glóbulo vai receber dependerá da quantidade de glóbulos presentes no frasco habitualmente utilizado pela farmácia. Por exemplo, se no frasco houver 200 glóbulos, e considerando que, idealmente, os glóbulos absorvam total e homogeneamente a solução sobre eles disponibilizada, cada glóbulo receberá cerca de 1/100 da gota do estoque. Também aqui a relação de dose-efeito não parece ter a mesma importância do que na farmacologia clássica. Ou seja, o dobro da dose não significa o dobro do efeito, nem se atinge um efeito tóxico.

O uso de glóbulos como veículo para florais tem sido observado, ainda que não em números importantes no Brasil, mas em Portugal, na Inglaterra (os florais de Bach *Healing Herbs*, também oferecem esta apresentação). Se por um lado apresenta a vantagem de facilitar a administração para quem não quiser ingerir álcool, tem também a desvantagem de confundir florais com medicamentos homeopáticos. As essências florais não são medicamentos homeopáticos, nem por seu método de preparo, nem por seus princípios de aplicação [13].

Essa forma de apresentação não está incluída no *Manual de Normas Técnicas para o Preparo de Essências Florais*, publicado pela Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas, provavelmente indicando que os responsáveis por sua elaboração consideraram que padronizar a apresentação de florais em glóbulos traria mais desentendimentos do que benefícios para os usuários [2].

Conclusões

O conhecimento dos métodos de preparo dos medicamentos e das características dos veículos permite aos clínicos um melhor uso das diversas possibilidades terapêuticas disponíveis.

O uso de glóbulos como veículo deve estar desassociado do controle de dose. Seu uso é tradicional na homeopatia, ainda que possa haver divergências sobre a quantidade e a homogeneidade das dinamizações impregnadas. Por suas características, pouco material é carregado pelos glóbulos, o que os torna inadequados para o uso em fitoterapia. Seu uso nas essências florais traria mais desentendimentos do que benefícios. A veiculação de florais em glóbulos poderia travestir as essências em medicamentos homeopáticos, desfigurando o que foi proposto por seu divulgador, o médico Edward Bach.

É importante que cada terapia, assim como seus instrumentos terapêuticos, seja reconhecida e tratada de acordo com seus fundamentos, regras e necessidades.

Referências

- 1- Ansel HC, Popovich NG, Allen Jr LV. Farmacotécnica: formas farmacêuticas & sistemas de liberação de fármacos. São Paulo: Premier; 2000.
- 2- Associação Brasileira de Farmacêuticos Homeopatas. Manual de normas técnicas para farmácia homeopática. São Paulo: ABFH; 2005.
- 3- Fontes OL. Farmácia homeopática: teoria e prática. São Paulo: Manole; 2005.
- 4- Hahnemann, S. Exposição da doutrina homeopática ou Organon da Arte de Curar. São Paulo: GEHSP Benoît Mure; 2007.
- 5- Kayne SB. Homoeopathic pharmacy: an introduction and handbook. Edinburgh: Churchill Livingstone, 1997.
- 6- Eizayaga FX. Tratado de medicina homeopática. Buenos Aires: Marecel; 1981.
- 7- Farmacopéia Homeopática Brasileira. São Paulo: Andrei; 1997.
- 8- The Homeopathic Pharmacopoeia of the United States (HPUS). Boston: American Institute of Homeopathy; 1999.
- 9- German Homoeopathic Pharmacopoeia. Stuttgart: Medpharm Scientific Publishers; 2003.
- 10- Netien G, Traisnel M, Verain A. Galenica 16 - Médicaments Homeopathiques - Notions Pratiques de Pharmacie Homeopathique. 2.ed. Paris: Technique et Documentation, 1986.
- 11- Pinheiro MS. Estudo da uniformidade de dose por conteúdo na impregnação de glóbulos. [Dissertação]. Rio de Janeiro: Faculdade de Farmácia, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2006.
- 12- Vijnovsky B. Tratado de matéria médica homeopática. Buenos Aires; 1978.
- 13 – <http://www.healingherbs.co.uk/fiveflower.asp?gototab=3>